

O OLHAR EM “A FÚRIA DO CORPO” DE JÓAO GILBERTO NOLL

Maria da Luz Duarte Leite Silva (UFRN)

lulinhaduarte@hotmail.com

Considerações Iniciais

Percebemos em “A fúria do corpo”, de Noll uma grande metáfora, do sujeito que desafia a visão, e as identidades culturais se configuram na teatralização/*performance* dos personagens que percebem-se através dos sentidos. Neste cenário, em que o olhar apenas entrevê, é que João Gilberto Noll, escritor gaúcho, de Porto Alegre, constrói o romance “A fúria do corpo”, parece que nessa narrativa o rosto deixa de ter o papel de imagem do sujeito, para funcionar como uma codificação para todas as partes descodificada. Assim sendo, observamos que na singularidade da personagem inominada, a busca pelo sentido da vida – prazer sexual faz parte de toda a narrativa. Apesar da miséria, o protagonista tenta no desespero, achar-se, mas, apenas, se perde no corpo levado ao arrebatamento, ao excesso. O erotismo é visto aqui como mecanismo que possibilita o existencialismo dos personagens, bem como a possibilidade da plenitude do viver.

O corpo na narrativa “A Fúria do Corpo”, apresenta a história de um sujeito que não expõe seu nome: “O meu nome não, [...] Ainda pede que não: Não me pergunte pois a idade, estado civil, local de nascimento, filiação pegadas do passado, nada, passado não, nome também: não.” Noll, (2008, p. 9).

A pesar da ausência de identificação o protagonista vive um amor intenso com sua amada Afrodite. Diferentemente dos romances modernos, Noll traz uma literatura em que os corpos dos personagens que se apresentam quase teatralizando, se veem pelas ruas de Copacabana com suas particularidades de ser. Isso posto, por se tratar de uma história de dois mendigos que possui uma vida diferente da que se costuma ver pela sociedade, pois os personagens vivem um romance que para muitos é algo irreal. Talvez esse fato, leva alguns leitores a caracterizar essa obra como narrativa menor, usando das palavras de Noll como “carne viva”, ou melhor, como romance não romântico, visto que o leitor se depara com uma narrativa efervescente, estilhaços orgânicos, linguagem que nos toma por inteiro.”

1. Sobre A Fúria do Corpo

Narrativa a “A Fúria do Corpo”, é uma história de um casal de mendigos que vivem um amor diferente do amor que a sociedade convencionalizou, mas nem por isso, não se pode considerar que o protagonista não se identifica, e Afrodite nomeada por ele são pessoas sem identidade, pois essa narrativa o corpo representa mais do que a representação da identidade, pois sugestivamente a identidade das figuras dramáticas desse romance apresentam suas o identidades construída. Os personagens são

miseráveis apenas na aparência, uma vez que vivem um amor sem barreiras. Seus corpos apresentam o eu dos personagens.

[...] a força uma qualquer ao som da tua voz sem nome, também não irei te nomear, os nossos nomes não serão pronunciados até que chegue o dia de serem proclamados, já toquei nos teus lábios vaginais, já penetrei entre eles , o meu sexo sim, os nossos vaginais, já penetrei entre eles , o meu sexo sim, o nosso sexo e agora é tudo como se fosse entre eles, o meu sexo sim, o nosso sexo, e agora é tudo é tudo como se fosse nossa origem[...] (NOLL, 2008, p.10)

Nesse trecho podemos sugestivamente, perceber que os personagens por meio da teatralização/*performance*, e dos seus corpos apresentam sua identidade. Assim sendo, a ausência de nome não que dizer que os personagens não tenham suas identidades definidas, mas pode representar a sensação de não pertença a sociedade preconceituosa e, estereotipada.

Outro fato que merece destacar nesta narrativa é a recorrência aos fatos do passado pelo personagem como em: “[...] tenho um remorso fundo o que pequei no paraíso e vou, abro o caderno com as linhas dos deveres, [...] falam que a professora pediu 35 linhas, [...].” (NOLL,2008, p. 240). Para Bossi “O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro e propõe a sua diferença.” (2006, p. 23). Aqui afirmamos ainda mais que os personagens protagonistas da narrativa não eram seres de identidades descentradas, mas sim de identidades diferentes da eleita pela sociedade classicista.

Dessa maneira, consideramos a obra de Noll como exemplar nas narrativas moderna, por sua linguagem e enredo diferente da história com uma sequência com começo meio e fim, e, sobretudo com uma linguagem padrão, o escritor de certa forma desromantiza o romance. A partir disso, resolvemos lançar um olhar crítico em “Fúria do Corpo” de João Gilberto Noll para compreendermos melhor sua inovações poéticas.

2. A Teatralização/ Performance

Considerar a teatralização/*performance* como paradigma norteador desse estudo é de grande relevância para o alcance do objetivo pretendido, pois a performatividade é uma cultura que materializa-se, e só pode ser aprendida no espaço.

Assim sendo, percebemos que tanto na vida como no teatro, a *performance* precisa do espaço para concretizar a afirmação do sujeito com seus *habitus* e pensamentos.(BOURDIEU, 2005). E como o corpo é o veículo dessa concretização, o sujeito constitui-se muitas vezes refletindo sobre o seu corpo; isso é o que parece percebermos nas figuras dramáticas da narrativa “A Fúria do Corpo”, de João Gilberto Noll. Vemos que o referido autor sugestivamente apresenta a identidade dos personagens a partir da reflexão do si mesmo das suas figuras dramáticas - seus corpos, aproximando-se dessa forma, do ato performativo, isso é entendido, por ser a *performance* um processo que atende os campos antropológicos, que constrói as operações sobre os corpos sociais e orgânicos da sociedade. Em outras palavras, tanto a *performance* como a encenação são meios concretos que a sociedade apropria-se para expressar os corpos dos sujeitos no cotidiano e no social. Chega o momento em que o

protagonista e Afrodite não conseguem sentir prazer, daí tentam de varias maneiras. O personagem tem relação com um mendigo, assim como Afrodite. Quando sentem-se impotentes os dois sugerido por Afrodite resolvem procurar novamente o mendigo. A título de exemplo citamos:

- Ganhou o comprido e grosso do mendigo e agora tá aí entregue ás moscas; saiba que o caralho do mendigo desgoverna mesmo, eu já provei e tive vontade de nunca mais ir á luta, de ficar atirada aí a espera de que o comprido e grosso viesse novamente e me arrebetasse toda em louvor a mim mesma, mas o mendigo acaba se esquecendo que comeu, mendigo não tem memória e não volta nunca. – Afrodite – suspirei – Afrodite, eu não consigo mais sair daqui. Ela me ajudou a me virar pra cima, examinou minuciosamente meu pau com as duas mãos e disse que queria experimentar ali mesmo como o último recurso para reanimar. (NOLL, 2008, p. 131).

Com base no exposto, vemos que os personagens se ajudam na procura da satisfação sexual, isso é percebido por meio da *performance* dos mesmos. Assim sendo, sugestivamente, o viver dos personagens gira em torno dos seus corpos. A partir disso, podemos sugerir que existe amor entre os dois, mas esse amor está perpassado pela fúria de seus corpos. Isso posto, por entendermos que Afrodite e o protagonista, mesmo tendo uma vida que para nós parece ser miserável para eles sempre havia uma solução e, existe prazer por traz da vida pacata que tinham. Assim sendo, consideramos que refletir sobre a obra “A Fúria do corpo”, é basilar para termos uma nova visão do amor, diferente do convencional. “Mas quem terá hoje o amor que eu Afrodite nos devotamos... Amor real, fundado na recusa, mesmo que por isso não raro beira a crueldade, o extermínio.” (NOLL, 2008, p. 97). Todas as atitudes carnis dos personagens, tranza do protagonista com o menino usuário de drogas, o guardar o pau sujo de bosta como lembrança do menino, como é apresentado no romance, o ser comido pelo mendigo, o prazer de Afrodite através de uma gata preta dentre outras formas de encontrar prazer, pode representar para nós como algo que apresenta sujeira e coisa irreal, pois somos higienizados pela sociedade, mas para os mendigos é coisa normal.

Afrodite estava nua, sentou-se no chão com um pratinho de leite na mão e foi molhando a buceta com aquele leite, derramava o leite pelo pentelho, abria os lábios da buceta e lá dentro espargia leite com os dedos, passava nas profundezas o dedo untando de leite, depois pegou nuca da gata abriu as pernas, botou a gata na frente da bucetão saciada estava ali com as pernas fechadas e ar de pedra. Deixo Afrodite ali e limpo o conjugado, varro o pó, as cinzas do cinzeiro, ponho lixo na lixeira, faço café e ofereço a Afrodite, ela bebe [...] Afrodite engordou não se na cama.” (NOLL, 2008, p. 88-89).

Percebemos que a teatralização/*performance* é uma constante na vida dos personagens da narrativa em questão. Podemos citar mais um momento exemplar que representa o teatro das personagens da narrativa analisada: “Afrodite me deu duas palmadinhas na bunda e disse vai dormir bundinha gostosa vai sonhar com teu teatrinho

de variedades vai.” (NOLL, 2008, p. 117). Outro momento teatralizado pelos personagens é quando:

Afrodite vai falando na minha frente a dez passos de mim, penso que preciso me orientar [...] Afrodite caminha falando e falando e falando, agora percebo que as pessoas olham para Afrodite como que olha um louco na rua falando sozinho, algumas pessoas param, outras riem furtivas, outras escancaradas, algumas fazem cara de dó, outras fingem não notar nada de anormal mas talvez sejam as que mais notam, sei que Afrodite está no gozo pleno da saúde, é isto que faz sair pelas ruas falando com toda a fartura[...].” (NOLL,2008,p. 265).

O que se percebe no exposto acima é que a teatralização, o olhar e o não dito perpassa toda a narrativa, pois os personagens se encontram apresentando uma identidade constituída, sem fuga, miserável apenas na aparência. A pesar de muitos não entenderem assim, os personagens demonstram que se amam, pois isso parece ser visto nas atitudes dos personagens, visto que há um companheirismo entre ambos e, sobretudo um cuidar. Neste romance hipoteticamente, a ausência de futuro acaba por verticalizar a presente violência nas personagens, e a presença substancial do erotismo, através da fúria dos corpos. Assim compreendendo, consideramos necessário discutirmos sobre o papel do olhar na vida dos protagonistas.

3. O Olhar em “A Fúria de Corpo”

Podemos sugerir que o “olhar”, na narrativa “A Fúria do Corpo,” é uma evidência do invisível do indizível e do indivisível, visto que o mendigo ao se referir ao si mesmo apresenta o visível no invisível: “Sou um desterrado pois não?[...] o banquete é só meu, quem quiser entrar que entre e se dissolva nisso que não é de ninguém, só isso: porra nenhuma.” (NOLL, 2008,p. 21). Ou seja, o personagem que diferentemente do sujeito de classe social bem sucedida, apresenta um viver que se dissolve no seu parco mundo. Daí, recorremos a Noll quando apresenta:

[...] se eu não tivesse do mundo a apreensão pelo olhar, só o apreendesse pelo tato, pelos ouvidos, pelo olfato, pelo gosto, se eu só o apreendesse assim, que noção eu teria por exemplo da manhã? (GULLAR, apud 1988, p. 217). A vida do protagonista é teatralizada, pois a arte performática pode ser entendida nesta narrativa como descoberta e transformação. A arte é vista como descoberta.” (GULLAR,1988, p.217).

Percebemos que tanto o protagonista como Afrodite constrói o seu mundo por meio do olhar, parece podermos exemplificar esse fato quando Afrodite já está cansada da vida de prostituição e chega a não sentir prazer sexual, nem com seu amado, o mesmo acontece com o protagonista, que ao ver/olhar Afrodite utilizar uma gatinha para sua satisfação sexual os dois goza: “Afrodite estava nua, sentou-se no chão com um

pratinho de leite, derramava o leitor pelo pentelho, abria os lábios da buceta [...] Afrodite começou a exalar interjeições, disse que sentia prazer.”

[...] Deixo Afrodite ali limpo o conjugado, varro, tiro o pó [...].O que se percebe que “[...] a construção do mundo humano deve muito ao fato de que o que o homem vê a realidade, de que ele apreende a realidade inclusive e principalmente pelo olhar. (NOLL,2008, p. 89-218).

Vemos que o personagem através do olhar conhece o si mesmo. O protagonista ver o gozo/ satisfação de sua amada e regozija-se também. Vemos no fragmento acima que, tanto o personagem como Afrodite a sua maneira sabe o que lhe interessa no momento. Podemos perceber que os personagens apresentam um eu construído, também por meio dos sentidos, o olhar aqui é entendido como ver não só com os olhos, mas através dos sentidos: “[...] Os sentidos se traduzem uns nos outros sem precisar intérprete. [...] eu apreendo o mundo por este ou aquele sentido, mas os sentidos se integram numa totalidade, são meios diversos de que o corpo humano dispõe para apreender a diversidade do real” Gullar (apud NOVAES, p.218).

Quando o protagonista ver/olha Afrodite no trabalho se prostituindo, sugestivamente, vemos o poder do olhar, pois ele ver além dos olhos:

La dentro a escuridão esfumaçada [...] no chão vejo Afrodite nua deitada de pernas dobradas e abertas e um homem com a pica semidura se aproximando de Afrodite pra fade-la. [...] sinto que minha mijada e minha cagada sonhadas estão próximas. [...] olho a mulher enlouquecida e digo que não vou conseguir mijar e cagar com ela ali dentro.[...] ela arreganha o grelo agudo me chamando. Mostro desinteresse, ela avança e toca no meu pau. [...] O grelo é elástico meus dedos o masturbam sem nenhuma pressa de que a mulher entra lourecida estremece logo de gozo que a faz cair pra trás estremunhada e chorando e dizendo que aquilo é que é gozar. (NOLL, 2008, p. 78-79)

Percebemos que o sentido da realidade dos personagens depende do olhar, pois o que as figuras dramáticas veem além dos olhos dão a realidade muito mais que outro sentido qualquer. Para Gullar (1988, p. 220-221); “É precisamente porque é pela visão, é pelo olhar que eu apreendo e assento os termos da realidade, a arte que trabalha com a ilusão desse sentido chega ao delírio”. É presente em toda a narrativa a apreensão da realidade dos personagens pelo olhar. No momento em que Afrodite sai correndo nua pelas ruas de Copacabana o protagonista sai a sua procura, e nesse acontecimento podemos talvez exemplificar o sentido real do olhar, pois para os passantes parece que aquilo não significa nada de real. Para Gullar (1988, p. 220-221): “O sentido do real depende basicamente do olhar o que eu vejo me dá a realidade muito mais que outro qualquer.” Parece que o sentido do real é bem presente na obra em questão, visto que quando o personagem diz: “Sou um desterrado pois não? Sou um asceta exposto ao riso alheio, isso sim quem sou. Mas permaneço , eis a minha verdade, permaneço enquanto os homens aí pensam que a razão está com eles.” (NOLL, 2008, p. 21).

Vale ressaltar também, o poder do silêncio neste romance, servindo hipoteticamente de descoberta, reflexo e reflexão tanto do protagonista como de Afrodite: “Afrodite tem a mais poderosa das belezas: já notaram aquela hora em que o silêncio se apossa de tudo e nos condena de súditos eternos?[...] o que veio antes do silêncio sinto e sinto no silêncio a ordem natural[...]”. Para Gullar (1998 apud NOVAES, p. 224): “O silêncio eterno desses espaços infinitos me assusta”. É esse espaço infinito, é esse espaço móvel, que o homem já não governa que gera o espaço barroco. Ou seja, para o autor o sentido da realidade depende do olhar, e, aqui vemos o olhar do protagonista silenciado, apresentando a realidade vivida.

É, pois, no espaço do silêncio que o personagem procura buscar explicação para a sua vida e de Afrodite. “[...], a ilusão, é a tentativa de buscar nesse espaço angustiante algo que o transcenda; então busca-se a ilusão como uma forma de, sem poder mais negar a nova realidade, criar uma nova fantasia, a fantasia possível dentro de um espaço real que não se pode negar nem, tranquilamente, assimilar” Gullar (apud NOVAES, 1988, p .224). Ou seja, as personagens dramáticas no seu silenciar procuram explicação para o que se apresenta para eles como o que não se pode dizer.

Após a prisão do protagonista, e a morte do menino traficante que ele se relacionou percebemos sugestivamente, a questão do silêncio como apresenta Foucault como algo que não se pode dizer, representando o não dito:

Mas esse mergulho no escuro não durou nem a sequencia de sete suspiros porque explode um berro e eu abro os olhos e o policial abre a porta e o camburão se enche de uma claridade difusa e abro ainda mais os olhos e já não vejo os dois olhos à minha frente e com a mão na porta o policial berra que eu desça pra triagem, mas onde estão aqueles dois olhos ainda me lembro de perguntar em silêncio e sinto aí que estou todo molhado e toco e cheiro e vejo que é mijo [...]”(NOLL,2008,p. 67).

Com base no exposto, podemos sugerir que o silêncio dos personagens no romance em questão é uma forma de silenciar o que eles não podem exteriorizar, isso posto devido talvez se tratar se sujeitos que quase não tem voz, ou melhor são vistos pela sociedade elitista. Outro fragmento que apresenta o não dito é quando o personagem está acabando uma tranza com uma outra mulher, e, de repente Afrodite passa: “ Nos olhamos calados, nos abraçamos, beijamos, ela chora digo que perdi o choro por aí, eu a consolo, ela me beija nos cabelos e vamos caminhando abraçados de seu camarim[...]” (NOLL,2008,p.79).

Considerações Finais

Refletir a questão da identidade a partir do olhar na narrativa de João Gilberto Noll é procurar compreender sua literatura a partir da consciência humana, pois podemos estabelecer a conexão do estudo da identidade do protagonista da narrativa em questão, focando no olhar, e na teatralização/*performance* dos personagens compreendendo a constituição do si mesmo dos mesmos. Isso por considerar o olhar e a *performance* importantes categorias para a compreensão da constituição da identidade dos personagens da narrativa Noll se encontram teatralizando. A partir disso,

entendemos que o viver dos seus personagens na narrativa em questão pode servir de reflexo e reflexão do si mesmo e do outro.

Dessa forma, vemos que a literatura, é uma maneira de expressão da realidade, que fornece conhecimentos e que possibilita o esclarecimento da vida humana através da ficcionalidade, por isso, o tema escolhido neste estudo ganha relevância na arte e na literatura mundial, representando os inesgotáveis antagonismos humanos e as dicotomias da existência, acentuadas no contexto contemporâneo.

Caminhando por essa lógica, como o sujeito está inserido em uma sociedade cada vez mais individualizada, estereotipada, engessada não consegue entender-se nem muito menos entender o outro. Hipoteticamente, se pode dizer que na narrativa analisada apresenta o discurso repleto de expressões considerados por muitos como sendo pornográfica, e a teatralização/*performance* dos personagens na construção do seu viver estão em constante *performance* apresentando os costumes de mendigos. .

Vale lembrar que a narrativa analisada, sugestivamente trata de questões que para muitos são delicados ligados ao sexo, como masturbação, pau, pica, caralho, punheta, tranza, prostituição, sexo com pessoas do mesmo sexualidade, dentre outras, formas através de seus corpos.

Além disso, verificamos que os personagens vivenciam o sentindo do peso, do martírio de carregar uma vida que precisa em muitos casos ser silenciada, sob pena de sofrer preconceitos e punições da sociedade.

Por fim, observamos hipoteticamente, que os personagens de “A Fúria do Corpo”, anuncia o grito de desespero por uma incapacidade que se cristaliza com o passar do tempo, pois a ausência de futuro verticaliza a violência a qualquer valor do erotismo dos personagens. E o olhar nesta análise representa a “experiência interior”, ou o discurso não dito servindo como meio para os protagonistas refletir sobre o si mesmo. Assim sendo, verificamos que o olhar mostra uma forma de discurso que não isola o dito, não exclui o visível ou o invisível. Vemos também que, a experiência interior das figuras dramáticas procura a consistência no exterior, representado aqui através do corpo. Nesse livro, foi constatado que a linguagem de Noll é repleta de simbologia, e que o conflito porque passa as suas figuras dramáticas na constituição do si mesmo se dá por meio do seu drama/teatralização/*performance*.

Por fim, observamos que muitas são as estratégias que a literatura proporciona ao entendimento do ficcional e do real, o que reforça a validade da escolha da narrativa em questão nesse estudo, pois Noll mesmo não apresentando narrativas lineares utiliza várias estratégias para apresentar a construção do sujeito/mendigos de seus personagens, inclusive, buscando entender a repercussão dos fatos das suas figuras dramáticas indo ao encontro da ideia elencada por Foucault (1999), pois, a autor busca a compreensão dos seus personagens por meio do seu interior e exterior.

Por fim, a obra “A Fúria do Corpo” de João Gilberto Noll traz representações de uma cultura diferenciada da convencionalizada pela sociedade moderna, por retratar uma história de um relacionamento amoroso de mendigos apresentando a existência de sujeitos, que vivenciam realidades, problematizando a existência do ser que muitas vezes passam despercebidos na sociedade.

Assim sendo, caminhando para a contemporaneidade, pudemos perceber que a pluralidade das formas no romance, parece refletir a orientação do tempo, e do pensamento moderno dos sujeitos. A partir do discutido, vemos que o romance de Noll traz novas maneiras de narrar, refletindo numa ruptura com o cânone clássico.

Convém lembrar que, na literatura brasileira, se pode estudar em alguns escritores a questão da constituição da identidade dos seus personagens por meio do “olhar”, bem como da *performance*. Nesse sentido, a literatura de Noll apresentou-se

como uma ficção que deu margem a essa representação simbólica, pois os seus personagens, em sua maioria, se veem diante de situações que, na busca de seu eu, conflitam com o “olhar”, e a *performance*. Logo, percebemos que em “A fúria do corpo”, a metáfora do olhar do sujeito desafia a visão, e as identidades culturais se configuram na *performance* dos personagens que se percebem através dos sentidos, ou melhor da fúria dos seus corpos.

Referências

BOSSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BEIGUI, Alex. R. *cient./FAP*, Curitiba, v.4, n.1 p.1-25, jan./jun. 2009.

BROOK, Peter. *A porta Aberta: reflexões sobre a interpretação e o Teatro*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CHEVALIER, Jean. & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva... [et al.]. 13.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

DERRIDA, Jaques. *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível*; organização Ginette Michaud;Joana Masó, Javier Bassas; tradução Marcelo Jacques de Moraes; revisão técnica João Camilo Penna. – Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2012.

ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura: uma Teoria do Efeito Estético*. Trad. Johannes Krestschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999. v. 2.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP:Editora da UNICAMP. 1990.

MARTINS, Francisco. *O Nome Próprio: da Gênese do Eu ao reconhecimento do Outro*.Brasília: EdUNB, 1991.

MAINGUENEAU, Dominique. *O Contexto da Obra Literária*. Trad. Mariana Appenzeller, São Paulo: Martins Fontes, 1995.

NOLL, João Gilberto. *A Fúria do Corpo*. Rio de Janeiro: Record. 2008.

NOVAES, Adauto. *O Olhar*. [Et al]. – Companhia das Letras. São Paulo, 1988.